

# Restolho

## No Mesmo Lugar

Digamos que a diferença essencial, filosófica, entre estar vivo e estar morto é a respiração. Sim, mesmo debaixo das barbas... Mas também por causa das células, do coração, do fígado, das mitocôndreas, o ser humano é um todo, um conjunto, um *ensemble*, na verdade. E não está destacado do meio, serão seria andróide, ou seja, teria uma dinâmica interna independentemente do meio físico e social...

Então, eis o corpo. Que se realiza no mesmo lugar através do afecto, da sociabilidade mínima. "The Big Picture" - dizia a freira americana. Talvez não queira e queira sim viver a minha vida como melhor me aprouver, como tantos outros, sem dar cavaco a ninguém, a escrita não é serviço público, lugar de alienação à partida, porque em suma acaba por sê-lo. E o corpo, onde pára o corpo, que nos liga à imanência, à contingência da concretude?

E as contrareidades, que fazer com elas, mesmo quando as evitamos, com mais ou menos ciência?

Há dias assim. Sem grande esperança, no trabalho, em casa.

Aí sendo, estava eu na minha oficina. Tinha duas, para ser mais correto, a minha, na cidade, que seria bem mais um atelier, e a da aldeia, do meu pai, plena de ferramentas e utensílios para canalização, carpintaria, obras em geral.

Havia debitado toda a minha teoria, toda a minha prosa e agoar estava vazio, à espera de um grande amor que me preenchesse. Pensava um pouco como as mulheres, nesses tempos, mas agia como se fosse homem, muito homem...

O branco do écran quase me cegava, entre o éla vital e a praia de pesacaos, os mercadores do mar e aqueles que andavam nas obras, como eu, tempos, sobretudo quando estudava à noite para tirar uma licenciatura que foi um tiro tão certo que acabou por furar o alvo.

Então, vivia sob o signo do devir e isso fazia-me feliz, nem sempre o facto de termos poder e dinheiro, fama e favores, é razão de felicidade, no estertor do quotidiano *a la mano*, diria Heidegger.

Isto porque a psicanálise resolve e explica todos os problemas mentais, mas não é uma teoria social, ou seja, não explica a relação do sujeito, do ego, com o meio, por isso acho que a interdisciplinariedade é necessárai, indispensável, no seio das ciências sociais. Eu cultivo-a, não me restrinjo à razão, seja ela filosófica, seja antropológica.

Depois, quando não te sentes bem, esperas um pouco. A tua eflicidade dependa do reconhecimento social, da quilo a que os sociólogos chamam de “representação social”, ou seja, quer queiras quer não acabas por ser avaliado pela sociedade, pelos outros e pela tua fidelidade ao grupo (profissional, de amigos). Então, como se pode ligar o saber popular ao saber erudito, o senso-comum à filosofia? Como se pode pensar sem pensar, pensar fazendo?...

Por vezes, estamos tão imbuídos da casa que esquecemos que não comprámos as paredes, a não ser que seja uma vivenda, esquecemo-nos da beleza da nossa rua, mesmo e sobretudo em pleno dia, relegando para a noite o encanto das boas memórias dos sítios em que vivemos e logo sobrevem uma vontade de habitar, de socializar, de fazer aqmor com alguém...

**Victor Mota**